
A ambiguidade como elemento
estruturante no romance *Los Siete Locos*,
de Roberto Arlt

Ambiguity as a structuring element in
the novel *Los Siete Locos*, by Roberto Arlt

Daniele dos Santos Rosa

Doutora em Literatura pela Universidade de
Brasília – UnB. Professora de Literatura no
curso de Licenciatura em Língua Espanhola e
no Mestrado Profissional em Educação
Técnica e Tecnológica no Instituto Federal de
Brasília – IFB.

daniele.rosa@ifb.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-5723-1078>

Recebido em: 24/01/2020

Aceito para publicação em: 26/02/2020

Resumo

Publicado em 1929, o romance *Los siete locos*, de Roberto Arlt, aborda o sentimento de angústia, solidão, morte e crime, por meio da vida de um inventor ressentido, Erdosain. Ao acompanharmos seu cotidiano, aproximamo-nos do debate acerca da necessidade e dos limites de uma mudança social profunda. Percebendo que a angústia do protagonista tem por alicerce uma confusão intensa de ideias, este artigo teve por objetivo analisar essa ambiguidade como um elemento estruturante do romance, contribuindo para o sentido ali construído, tanto na forma quanto no conteúdo.

Palavras chave: Arlt. Ambiguidade. Literatura latino-america.

Abstract

Published in 1929, the novel Los siete locos, by Roberto Arlt, addresses the feeling of anguish, loneliness, death and crime, through the life of a resentful inventor, Erdosain. As we follow his daily life, we approach the debate about the need and the limits of a profound social change. Realizing that the protagonist's anguish is based on an intense confusion of ideas, this article aimed to analyze this ambiguity as a structuring element of the novel, contributing to the meaning built there, both in form and in content.

Keywords: Arlt. Ambiguity. Latin American Literature.

Esta zona de angustia era la consecuencia del sufrimiento de los hombres. Y como una nube de gas venenoso se trasladaba pesadamente de un punto a otro, penetrando murallas y atravesando los edificios, sin perder su forma plana y horizontal; angustia de dos dimensiones que guillotinando las gargantas dejaba en éstas un regusto de sollozo. Tal era la explicación que Erdosain se daba cuando sentía las primeras náuseas de la pena. (ARLT, 2000, p. 14)

É neste ambiente de angústia e aflição que nos é apresentado o personagem central da obra *Los siete locos*, de Roberto Arlt: Erdosain. Envolto em um sentimento de inquietude e carência, com uma sensação de redução do espaço e do tempo a pesar sobre os ombros, Erdosain tenta explicar a si a razão de tanto sofrimento. Contudo, não consegue.

O personagem desconhece as causas de sua angústia. Sente-se sempre em uma atmosfera de sonho e inquietude, passando pelos dias como um sonâmbulo. Questiona-se constantemente sobre o que está fazendo de sua vida e deseja muito que algo inesperado lhe aconteça. Sua angústia alimenta um tipo de impulso motor que o conduz primeiro a imaginar histórias extremamente violentas, baseadas em assassinatos e torturas, até planejar um homicídio e depois cometê-lo realmente.

Ao conhecermos o personagem, entramos nesse ambiente estranho, como que nublado, da obra desse importante autor argentino. Publicada em 1929, esta obra nos propõe problemas que abordam o sentimento de angústia, a solidão, a morte e o crime, encenando a necessidade e os limites de uma mudança social profunda, por meio do entrelaçamento de ideias revolucionárias e reacionárias. Em 1931, o autor publica *Lanzallamas*, que deu continuidade à trama aqui iniciada. Aqui, trataremos exclusivamente desta primeira obra.

É importante assinalar, também, que este artigo se propõe a pensar a atualidade da obra de Arlt, a fim de compreender seu alcance enquanto configuração artística da realidade humana. Sem pretender, de forma alguma, desfazer os laços que conectam este romance a seu tempo e país, buscar-se-á problematizar o sentido ali construído abrangendo-o para o contexto da América Latina.

Assim, este estudo se afastará de pesquisas já realizadas cujo enfoque é biográfico, as quais buscavam explicar o texto literário a partir da vida do escritor, ou centradas em uma perspectiva localista, tendo por ponto de chegada a cidade de Buenos Aires. Um bom exemplo deste tipo de estudo é a obra de Raúl Larra (1950), *Roberto Arlt, el torturado: una apasionada biografía*, responsável também por promover, à época, o retorno do interesse acadêmico pela obra do escritor argentino. Pretende-se, então, concentrar a atenção em uma leitura que apreenda a relação entre a forma literária e o processo social, constituída por transformações e tendências históricas captadas pela arte.

Sob a perspectiva da crítica literária dialética, tendo por interesse pensar a literatura produzida na América Latina, este texto se propõe ao debate. Dessa forma, questiona-se:

qual sentido é construído nesse romance? O que o relato de um inventor fracassado, angustiado, futuro assassino, tem a nos dizer na atualidade?

Um elemento central que pode auxiliar na construção de respostas a essas questões é a ambiguidade, tão presente na forma de narrar quanto é parte constituinte do relato. A angústia de Erdosain se sustenta em uma grande confusão de ideias, pensamento, sentimentos e ação. Assim como está presente na percepção das personagens seja dos movimentos revolucionários, seja da proposta de mudança reacionária, é importante analisar essa ambiguidade como um elemento estruturante do romance, contribuindo e, como se pretende debater neste artigo, constituindo o sentido ali construído.

Para tanto, este texto terá duas subdivisões, que se propõem a pensar o papel da ambiguidade nas várias dimensões do romance. Estamos diante de uma grande obra. Por isso, este artigo com certeza não esgotará o que nele pode ser apreendido. O que se busca, então, é promover o debate a partir de um olhar atento à obra, tendo, contudo, os pés bem fixos em nosso presente.

“La zona de la angustia”: a ambiguidade no modo de narrar

Vivenciando constantemente um desespero e uma angústia não definida, Erdosain sai em busca de ajuda financeira para repor o dinheiro que roubou da companhia em que trabalhava. Nesta busca, reencontra o amigo Ergueta, farmacêutico que sofre de delírios místicos e termina por enlouquecer totalmente. Posteriormente, vai ao encontro de Barsut, primo de Elsa, esposa de Erdosain, cuja relação com o protagonista é bem peculiar: Barsut e Erdosain se odeiam, mas dependem um da presença do outro, encontrando-se frequentemente para longas e sofridas conversas. No desenvolver da trama, Erdosain descobre que foi Barsut quem denunciou seus roubos na Companhia Açucareira. Por fim, ainda na busca por conseguir um empréstimo, reencontra El Astrólogo e Haffner, “el rufián melancólico”. Ao reencontrá-los, passa a conhecer o plano para se formar uma sociedade secreta liderada pelo Astrólogo, cujo objetivo é revolucionar a vida na Argentina. Em suas palavras:

– ¿Qué es lo que se opone aquí en la Argentina para que exista también una sociedad secreta que alcance tanto poderío como aquella allá? Y hablo a usted con franqueza. No sé si nuestra sociedad será bolchevique o fascista. A veces me inclino a creer que lo mejor que se puede hacer es preparar una ensalada rusa que ni Dios la entienda. (ARLT, 2000, p. 47)

No fragmento apresentado, é possível identificar como a ambiguidade, como um amálgama confuso de ideais, propostas e ações, caracteriza a percepção das personagens seja dos movimentos revolucionários, seja da proposta de mudança reacionária. É importante pontuar que a ambiguidade, como essa confusão de limites, se coloca tanto na percepção e constituição do personagem, como vimos nos fragmentos citados, como

também na forma de narrar, cujo ponto de vista se movimenta, deslocando o campo de visão dos fatos. Tais aspectos, a serem explorados a seguir, contribuem, como veremos, para a definição da ambiguidade como um elemento estruturante do romance.

A história de angústia de Erdosain chega ao seu extremo pela necessidade de pagar, à Companhia Açucareira, uma dívida gerada por frequentes roubos, com os quais o protagonista não pretendia simplesmente enriquecer. Para o personagem, os roubos eram ações que o retiravam, mesmo que momentaneamente, desta angústia constante. Nestes momentos, deixava de se sentir rejeitado e fracassado.

Tem-se, assim, a trajetória de um ressentido, na qual o narrador, inicialmente onisciente e extradiegético, passa a se fazer cada vez mais presente. Inicialmente, este narrador não aparece, dando a impressão ao leitor de estar diante de uma narrativa em terceira pessoa, com predominância do discurso direto, para depois se autodenominar "el cronista de esta historia":

Sin duda alguna su vida era extraña, porque a veces una esperanza apresurada lo lanzaba a la calle.

Entonces tomaba un ómnibus y bajaba en Palermo o en Belgrano. Recorría pensativamente las silenciosas avenidas, diciéndose:

– Me verá una doncella, una niña alta, pálida y concentrada, que por capricho maneje su Rolls-Royce. (ARLT, 2000, p. 47)

À medida que o narrador se materializa no relato como personagem, o discurso direto transforma-se em indireto. A presença do narrador evidencia-se e transforma o protagonista em objeto de sua enunciação, já que se trata de contar a história de Erdosain que lhe foi relatada anteriormente.

Neste relato "de segunda mão", o então narrador em terceira pessoa torna-se um personagem-narrador, que passa a interferir no próprio contexto narrado, seja incluindo sua percepção dos fatos, seja com questões que não sabemos se são de Erdosain ou do narrador. No trecho a seguir, um dos encontros do protagonista com Barsut, vemos essa ambiguidade no próprio ato de narrar, já que a pergunta em itálico pode ser tanto de Erdosain, questionando a atitude de Barsut em olhar constantemente o interior da casa; quanto do narrador, que também vai questionar a atitude de seu protagonista em se permitir ficar em situação tão sofrida:

Erdosain se apresuró a negarle, y trató aparentemente de interesarse en la cháchara del otro, que conversaba horas seguidas, sin ton ni son, espiondo siempre el rincón sudeste del cuarto. *¿Qué es lo que se proponía con esa actitud?* Erdosain a su vez se consolaba de tales momentos desagradables pensando que el otro vivía acosado por la envidia y ciertos sufrimientos atroces que no tenían motivo de ser. (ARLT, 2000, p. 29)

Essa situação ambígua vai se ampliando com o desenrolar da narrativa. Os tempos misturam-se, as inúmeras narrativas imaginadas pelo protagonista entrelaçam-se aos

fatos narrados e o discurso majoritariamente empregado passa a ser o indireto–livre. Essas modificações provocam um efeito curioso no relato: o de uma possível fragilidade da independência dos atos e da reflexão feita pelo próprio protagonista, pois temos agora um outro personagem que nos conta os fatos:

Lo que muchas veces me confundió fue la pregunta que a mí mismo me hice: ¿de dónde sacaba ese hombre energías para soportar su espectáculo tanto tiempo? No hacía otra cosa que examinarse, que analizar lo que en él ocurría, como si la suma de detalles pudiera darle la certidumbre de que vivía. Insisto. Un muerto que tuviera el poder de conversar no hablaría más que él, para cerciorarse de que en apariencia no estaba muerto. (ARLT, 2000, p. 114)

Tem-se, então, uma personalização da voz narrativa, que traz para a trama mais um personagem, aquele que conta a trajetória angustiada de Erdosain, após tê-la ouvido do próprio protagonista. Em todo o romance não sabemos quem este personagem é. Não há nome, nem características. Apenas sabemos que relata agora as vicissitudes de um homem. Há, portanto, o deslocamento da voz narrativa, que assume uma atuação na própria trama, porém ora mantém sua onisciência, nos levando de volta a uma narração extradiegética, ora se posiciona, questionando o próprio relato, como vimos.

Esse movimento na narrativa permite um deslocamento constante do ponto de vista, já que acompanhamos tanto o olhar desse personagem que narra quanto penetramos no íntimo do protagonista, descobrindo suas intenções, seus sentimentos e, com ele, vivenciamos também uma confusão de ideias, uma ambiguidade que nos impede de abarcar com certeza tudo o que nos está sendo apresentado.

Isso nos leva a mais questões, que complementam as feitas anteriormente: sendo o romance uma apreensão dos elos que estão na vida cotidiana, mas que temos dificuldade de relacioná-los, o que essa ambiguidade nos diz? O que essa confusão de ideias constrói como sentido?

Na busca por equacionar melhor essas questões, é importante perceber que, juntamente a essa personalização que se dá na voz narrativa, outro aspecto da obra nos chama a atenção: a recorrente alusão a personagens e a momentos históricos decisivos. No encontro mencionado entre Erdosain e Ergueta, eles rememoram a vida de sua esposa Hipólita, seu envolvimento com a prostituição, o amplo conhecimento de Ergueta das escrituras bíblicas, até que chegam ao questionamento comum:

Tenés razón... el mundo está lleno de “turros”, de infelices... pero ¿cómo remediarlo? [...] ¿Quiénes van a hacer la revolución social, sino los estafadores, los desdichados, los asesinos, los fraudulentos, toda la canalla que sufre abajo sin esperanza alguna? ¿O te crees que la revolución la van a hacer los cagatingas y los tenderos? (ARLT, 2000, p. 44)

O sentimento de angústia do protagonista se conecta a um debate que penetra todas as instâncias da vida comum: a necessidade de uma mudança social profunda. Contudo,

quem poderá fazê-la? Para Ergueta, não serão os comerciantes ou os ingênuos, mas somente os agiotas, os infelizes, os assassinos, ou seja, somente aqueles que perderam toda a esperança podem, efetivamente, lutar por uma mudança profunda na sociedade.

Nesse sentido, percebemos como o movimento da História começa a penetrar na vida cotidiana das personagens. Junto às suas vivências concretas, questões que agitaram o início do século XX passam a fazer parte de um discurso comum. Sente-se a necessidade concreta de uma mudança revolucionária, mas que tipo de mudança seria essa? Quem a promoveria? Quais seriam suas bases ideológicas?

Somando-se às questões colocadas por Ergueta, como vimos, outro personagem peculiar recoloca tais questionamentos na obra: El Astrólogo. Erdosain acredita que El Astrólogo pode lhe ajudar a quitar a dívida na empresa, porém sua dúvida baseia-se, inclusive, em como definir esse amigo: “Hasta sospechaba que pudiera ser un delegado bolchevique para hacer propaganda comunista en el país, ya que aquél tenía un proyecto de sociedad revolucionaria singularísimo” (ARLT, 2000, p. 75).

Em todo o romance é possível identificar como as questões sociais e políticas do início do século XX penetram na obra e tornam-se o centro irradiador da ação dos personagens. Termos como revolução, bolchevismo, fascismo, industrialismo, proletários se somam e se complementam de uma forma confusa e ambígua, amalgamados no ambiente criado pelo romance. Nomes como os de Lenin e Mussolini são citados com frequência como exemplos similares de uma mesma ação revolucionária, baseada na humilhação e na violência, enquanto princípios fundamentais dessa nova sociedade:

- Pues se la voy a regalar para que leyéndolas aprenda que la vida humana vale menos que la de un perro, si para imprimir un nuevo rumbo a la sociedad, hay que destruir esa vida. ¿Sabe usted cuántos asesinatos cuenta el triunfo de un Lenin o de un Mussolini? A la gente no le interesa eso. ¿Por qué no lo interesa? Porque Lenin y Mussolini triunfaron. Eso es lo esencial, lo que justifica toda causa injusta o justa. (ARLT, 2000, p. 191)

Tem-se, portanto, uma relação confusa entre o justo e o injusto, entre o revolucionário e o reacionário. Tais acepções se misturam de uma forma ambígua, com categorias esvaziadas de seus sentidos e tendendo ao absurdo.

Assim, a ambiguidade, enquanto força estruturante, constitui o romance tanto em sua forma, como na construção do foco narrativo que transita constantemente entre narrador em terceira e primeira pessoa, tornando-o intensivamente móvel, descolando-se constantemente de um relato para uma confissão, como vimos anteriormente.

Centrando-se em Erdosain, a narrativa caminha sem um alicerce seguro. Essa ambiguidade torna-se também parte do tema. Tão incertos quanto os motivos que levam o protagonista à sua constante tristeza e angústia, os atos e suas consequências se tornam no romance também ambíguos, como veremos no tópico a seguir.

“La mentira metafísica”: a ambiguidade na ação dos personagens

Após conseguir quitar a dívida com a empresa, com o dinheiro emprestado de Haffner, “el rufián melancólico”, a possibilidade de implantação dessa singular sociedade revolucionária passa a ocupar os pensamentos de Erdosain. Sociedade esta cuja direção será dada por um tipo de fraternidade secreta, cuja base econômica será a exploração do trabalho de mulheres em prostíbulos e a exploração de ouro (estranhamente dissolvido na água de um rio).

Este novo modelo de sociedade, nos termos do seu idealizador, El Astrólogo, será baseado em um misticismo ao mesmo tempo religioso e “industrial” (ARLT, 2000, p. 74), que conduzirá todos a uma “mentira metafísica” que, além de produzir na humanidade a felicidade comum, será responsável por “crearse la fuerza, revolucionar las consciencias, exaltar la barbarie” (ARLT, 2000, p. 21).

Como vimos, a base espiritual que engendra a personalidade e as ações de Erdosain é um desespero angustiado fruto de seu ressentimento. Tal sentimento fundamenta seu apoio e adesão à revolução defendida por El Astrólogo, já que esta lhe promete uma inversão em sua realidade, pois possibilitaria conquistar aquilo que o protagonista mais deseja: ser um inventor.

Contudo, como o protagonista perceberá muito depois, tais promessas são parte dessa grande mentira utilizada por El Astrólogo. O que seria então essa “mentira metafísica”? Nas palavras do próprio personagem:

La felicidad de la humanidad sólo puede apoyarse en la mentira metafísica... Privándole de esa mentira recae en las ilusiones de carácter económico..., y entonces me acordé que los únicos que podían devolverle a la humanidad el paraíso perdido eran los dioses de carne y hueso: Rockefeller, Morgan, Ford... y concebí un proyecto que puede parecer fantástico a una mente mediocre... Vi que el callejón sin salida de la realidad social tenía una única salida... y era volver para atrás. (ARLT, 2000, p. 206)

Essa mentira metafísica, então, será a força misteriosa que possibilitará essa nova organização social. Questionado se seria realmente possível implantar tal sociedade, El Astrólogo responde:

Creo que no se me puede pedir más sinceridad en este momento. Vea que por ahora lo que pretendo hacer es un bloque donde se consoliden todas las posibles esperanzas humanas. Mi plan es dirigirnos con preferencia a los jóvenes bolcheviques, estudiantes y proletarios inteligentes (...) Cuando yo hablo de una sociedad secreta, no me refiero al tipo clásico de sociedad, sino a una supermoderna, donde cada miembro y adepto tenga intereses, y recoja ganancias, porque sólo así es posible vincularlos más y más a los fines que sólo conocerán unos pocos (ARLT, 2000, p. 57)

Nesta resposta, concretiza-se a base na qual essa mentira metafísica se apoiará: a esperança humana, construída por meio do interesse e da ganância. Tais termos –

esperança, interesse, ganância – realmente fundamentam a constituição do homem enquanto ser humano. No entanto, na narrativa, tais conceitos aparecem também como ambíguos. O interesse e a ganância estão sempre a serviço de suprir necessidades individuais e solitárias. É excluída da base dessa nova sociedade qualquer ação que possa, de alguma forma, reunir ou promover uma vida coletiva. A esperança é sempre a crença no domínio sobre o outro. Será o homem solitário, que, junto a outros homens também solitários, constituirá na vida social a satisfação de seus planos e interesses.

Verifica-se como se constrói no romance uma concepção de vida humana que conduz ao extremo do individualismo, que impede qualquer tipo de real conexão entre as pessoas. O sexo, por exemplo, que poderia promover essa conexão, é apresentado como algo impróprio, que distancia o homem de sua real natureza. Erdosain, em seus sonhos, é conquistado por uma jovem rica, na qual jamais toca, a fim de manter a pureza do amor. Os prostíbulos são o cenário mais frequente da narrativa. É lá onde a degradação do corpo feminino e dos homens que lá buscam suprir seu desejo egoísta se concretizam. Não é coincidência que será o prostíbulo uma das grandes fontes de renda dessa nova sociedade.

Essa impossibilidade de conexão chega ao extremo quando, já mais no fim da narrativa, momento em que a possibilidade de conseguir dinheiro para implantar a primeira célula da sociedade parece estar mais próxima, o Astrólogo passa a indicar a necessidade de extermínio de boa parte da população, afinal somente alguns homens podem ser a base dessa sociedade. Erdosain sente-se triunfante ao conseguir o dinheiro de Barsut e, livre momentaneamente de sua angústia, passa a imaginar-se como um "emperador", o criador do "rayo de la muerte", pois assim os "héroes de todas las épocas sobrevivían en él". Isso se realizava porque:

El rayo volaba las ciudades, esterilizaba campos, convertía en ceniza las razas y los bosques. Se perdería para siempre el recuerdo de toda ciencia, de todo arte y belleza. Una aristocracia de cínicos, bandoleros sobresaturados de civilización y escepticismo, se adueñaba del poder, con él a la cabeza. (ARLT, 2000, p. 113)

Somente esses homens, fundados em seu egoísmo extremo, poderão sobreviver e formar a nova sociedade. Os outros deverão ser eliminados. Somente eles estarão aptos para aceitar e conhecer a base da sociedade, a mentira metafísica. Como vimos, se trata de uma farsa que, impossível de realizar-se, moverá a vontade humana, pois alimentará o interesse e a ganância.

Verifica-se como esse projeto de sociedade, encenado no romance, parte de necessidades e problemas reais. No entanto, este projeto se constrói por meio do avesso. Se a consciência individual vem com a burguesia como possibilidade de superar os entraves da Idade Média, no acirramento dessa pretensão individual subjaz um projeto de vida social que abre mão de qualquer tipo de civilidade, de qualquer tipo de interação que permita uma real conexão entre os indivíduos, por meio da solidariedade ou do respeito. Ou seja, encena-se o momento em que “a decadência ideológica surge quando as

tendências da dinâmica objetiva da vida cessam de ser reconhecidas, ou são inclusive mais ou menos ignoradas, ao passo que se introduz em seu lugar desejos subjetivos, vistos como força motriz da realidade” (LUKÁCS, 1968a, p. 99), concretizando-se a orientação subjetivista/individualista e conservadora.

Neste contexto, a ambiguidade vai tomando forma aos poucos. Trata-se de uma forma fascista, já que a concretização do projeto dessa nova sociedade depende do fortalecimento de uma humanidade individualista, subjetivista e a-histórica, retirando-se tudo o que fez parte do desenvolvimento humano, tudo aquilo que o tornou ser racional e permitiu sua separação e domínio do mundo natural, seus reflexos objetivos, nos termos de Lukács (LUKÁCS, 1979), que fundamentaram a ciência e a arte. Somente a religião, neste mundo narrado, terá espaço, mas não como possibilidade de compreensão da vida social. Ao inverso, servirá como sustentação dessa mentira metafísica.

Para comprovar a firmeza das bases dessa nova sociedade, El Astrólogo encena na própria sociedade secreta momentos em que conduzirá uma farsa, conseguindo assim a atenção e o apoio de seus companheiros. A primeira é simular, com um amigo vestido de general, a necessidade de implantação de uma ditadura militar como base para realização da nova sociedade. Após intenso debate entre os participantes, que se recusavam a se submeter aos militares, El Astrólogo revela que aquilo não passava de um “exercício”, demonstrando como conseguirá, por meio de uma mentira, fundamentar a vida social na Argentina.

Essa mentira afastará cada vez mais os indivíduos da concretude de suas vidas cotidianas, possibilitando o necessário “volver para atrás” (ARLT, 2000, p. 206), ou seja, nessa nova sociedade se realizará a concretização de um tipo de irracionalismo baseado na impossibilidade da comunicação entre os seres humanos e de compreensão da realidade em si. Ainda nas palavras de El Astrólogo:

Esa sociedad se compondrá de dos castas, en las que habrá un intervalo... mejor dicho, una diferencia intelectual de treinta siglos. La mayoría vivirá mantenida escrupulosamente en la más absoluta ignorancia, circundada de milagros apócrifos, y por lo tanto mucho más interesantes que los milagros históricos, y la minoría será la depositaria absoluta de la ciencia e del poder. De esa forma queda garantizada la felicidad de la mayoría, pues el hombre de esta casta tendrá relación con el mundo divino, en el cual hoy no cree. La minoría administrará los placeres y los milagros para el rebaño, y la edad de oro, edad en la que los ángeles merodeaban por los caminos del crepúsculo y los dioses se dejaron ver en los claros de luna, será un hecho. (ARLT, 2000, p. 208)

Ignorância e milagres tornam-se os alicerces que, conduzindo a maioria dos homens e mulheres, possibilitarão essa sociedade, que, como temos visto, materializa a ambiguidade em ações irracionalistas e fascistas.

Inicialmente, Erdosain questiona tais propostas. O protagonista chega a afirmar que “[...] eso es monstruoso en sí. Eso no puede ser” (ARLT, 2000, p. 208), mas ao final é

contagiado pelo entusiasmo e passa a desejar essa renovação da humanidade baseada na exploração da usura, das mulheres, das crianças, dos operários, dos campos e dos loucos, já que, nas palavras de El Astrólogo, "seremos bolcheviques, católicos, fascistas, ateos, militaristas, en diversos grados de iniciación" (ARLT, 2000, p. 217). Quanto à exequibilidade do plano, El Astrólogo ratifica: "Con la ayuda de algún periódico, créame, haremos milagros" (ARLT, 2000, p. 215).

Erdosain crê no projeto. Vê nesta nova sociedade em construção a possibilidade de, além de torna-se inventor, se vingar daquele que o denunciou: Barsut. Juntamente a El Astrólogo, o sequestram e planejam seu assassinato. O responsável por essa morte seria Erdosain, mas o crime é supostamente realizado por um outro homem, ajudante de El Astrólogo. No entanto, não é a mentira o que sustentará a nova sociedade? Barsut não havia sido assassinado e Erdosain não será inventor. O que une os participantes da sociedade secreta é a mesma mentira metafísica que será a base da nova sociedade, uma sociedade gerida por seus sete loucos.

Uma proposta de síntese

É assustador como a ambiguidade, enquanto elemento estruturante do romance, nos faz ver na narrativa um amálgama de loucura que, em sua aparência, parece impossível de se concretizar, constituindo-se apenas nesse mundo ficcional criado; porém, ao mesmo tempo, tais formas irracionalistas parecem tão vivas e atuantes em nossa realidade factual. É como se esses loucos deixassem a ficção para tomarem corpo em nossa sociedade, cuja mentira metafísica impede a muitos de ver o que está em frente a seus olhos, o que está óbvio.

O que inicialmente era apenas uma confusão de ideias passa a tomar forma. Uma forma que não apenas dá ânimo ao angustiado Erdosain, mas que se alimenta de ações tão violentas que parecem destruir qualquer possibilidade de reação verdadeiramente humana. Em *Los siete locos*, todo sentimento humano tem lugar apenas na satisfação individual. A própria ideia de coletividade é invertida. Os elos que permitem a vida social são a mentira, a ganância, o irracionalismo.

Neste mundo narrado, parece não existir uma saída. O homem, enquanto gênero, retomando indiretamente os escritos de Hobbes (1588 – 1679) e Maquiavel (1469 – 1527), é mau por natureza. Não há outro futuro para a humanidade que não seja a autodestruição ou, como está no romance, uma sociedade que assuma sua natureza violenta, a esconda atrás de promessas místicas e seja conduzida por alguns mais fortes.

Neste sentido, *Los siete locos* faz um profundo diagnóstico de nossa vida social. Publicado em 1929, captou aquela que seria a primeira crise extrema do Capitalismo. Antecipou as bases do nazismo e do fascismo europeus. Estão nele, como perspectiva (LUKÁCS, 1968b), os vários golpes e ditaduras militares vivenciados na América Latina. Ao

relermos este romance, sentimos sua atualidade, vemos nele o acirramento das crises do capital e toda essa onda reacionária que ganha força novamente em todo o continente.

Contudo, não estamos diante de apenas um amálgama de sintomas. Quando nos aprofundamos na relação entre a forma literária e seu conteúdo social, e percebemos como a ambiguidade toma forma, ou seja, quando é possível nos defrontamos com os elos que sustentam nossa vida cotidiana e nos fazem ordenar esse todo confuso, saímos do nível dos personagens, pressionados nesse mundo ambíguo, para caminhar para um mundo mais humano.

Quando percebemos que o ambíguo, o absurdo e até mesmo o risível no romance *Los siete locos* está na vida, com toda sua violência e destruição, lembramos que a natureza humana não é nem boa nem má, é histórica, e são somente nossas ações, coletivas, que podem romper com esse determinismo e construir, para e por toda a humanidade, um outro mundo possível. Por isso estamos diante de um importante romance, afinal:

No se trata nunca de regreso en el arte; cuando hablamos de una refiguración desfetichizadora de la realidad aludimos al carácter histórico, varias veces subrayado, de todo arte en esta nueva conexión. No pensamos pues en una abstracta contraposición de sentimiento y pensamiento, por ejemplo, sino de la refiguración de la realidad “natural” en cada caso, siempre determinada concretamente, histórico-socialmente, referida al hombre concreto de tal lugar, de tal tiempo, de tal fase evolutiva, imagen que, precisamente por su “naturalidad”, aporta orgánicamente la disolución de las concretas fetichizaciones. (LUKÁCS, 1966, p. 467)

Neste sentido, acredito que *Los siete locos* tem muito ainda a nos dizer da ambiguidade própria desses momentos em crise, como o que vivemos atualmente no Brasil e em toda a América Latina. Esta obra traz, portanto, um debate profundo que toca nos pilares do irracionalismo e do fascismo, e por isso merece nossa atenção.

Rer *Los siete locos* é acionar uma memória desses tempos, nos quais o irracionalismo, a ambiguidade, a loucura e a violência consistiram em suas principais características. No momento em que o nosso presente lê este passado por meio da literatura, este passado nos lança seu olhar admoestador para que possamos construir um agir no presente que possa nos conduzir a um outro futuro.

Referências

ARLT, Roberto. *Los siete locos – Los lanzallamas*: edición crítica. 1. ed. Colección Archivos 44. Nanterre Cedex: 2000.

LARRA, Raúl. *Roberto Arlt, el torturado: una apasionada biografía*. 6 ed. Buenos Aires: Editorial Leviatán, 1992.

LUKÁCS, G. *Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1979.

_____. *Marxismo e teoria da literatura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968a.

_____. O problema da perspectiva. In: *Marxismo e teoria da literatura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968b.

_____. *Estética*. Traducción de Manuel Sacristán. Barcelona; México: Ediciones Grijalbo S.A., 1966.